

De virada é mais gostoso? Rupturas e deslocamentos na trajetória do futebol brasileiro

Rodrigo Koch*

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Resumo: Neste artigo – que é parte da dissertação de mestrado em Educação – é feita uma breve análise das transformações sócio-político-culturais pelas quais passou o futebol no Brasil desde sua chegada em território nacional, no final do século XIX, aos dias atuais tendo como base a historiografia da *Escola dos Annalles*. O objetivo deste trabalho é apontar algumas rupturas, deslocamentos e viradas que ocorreram na modalidade em pouco mais de cem anos. Para este artigo, foram utilizadas diversas obras que discutem os movimentos sociais do futebol no Brasil. Podemos apontar duas viradas marcantes na construção deste espaço cultural brasileiro: a) a entrada dos negros e pobres no futebol na década de 1920, e b) a mercantilização, globalização e mundialização da modalidade e do futebol brasileiro a partir do final da década de 1980. Consideramos que houve e parece que sempre haverá lutas de poder neste campo cultural e marco identitário brasileiro.

Palavras-Chave: Futebol, Cultura, Sociedade

Abstract: This article, part of the dissertation in Education, is a brief analysis of the socio-political-cultural transformation which Brazilian soccer has undergone since its arrival in the country at the end of the nineteenth century to the present day. The goal of this paper is to show some of the disruptions, displacements, and turns that occurred in the sport in just over one hundred years. For this article, we used several works that discuss the social movement of soccer in Brazil. The two most significant points discussed in the evolution of Brazilian cultural space: a) the entry of blacks and lower class in soccer in the 1920s, and b) the commercialization, globalization and internationalization of the sport and the "brand" of Brazilian soccer beginning in the late 1980s. We believe that there was, and it seems there will always be, power struggles in the field and cultural identity of Brazil.

Keywords: Soccer, Culture, Society.

* Professor auxiliar da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Graduado em Educação Física pela ULBRA, pós-graduado em Administração e Marketing Esportivo pela UGF, e mestrando em Educação pela ULBRA. Coordenador da linha de pesquisa *Estudos Olímpicos em Práticas Corporais e Meio Ambiente*. E-mail: koch.rodriigo@terra.com.br

Introdução

Neste artigo apresento, sob a ótica das relações do homem com a sociedade, as *viradas* que ocorreram na representação histórica do futebol no Brasil, ainda que períodos marcantes e pontuais ‘dessa história’ não possam ser considerados efetivamente *viradas* e, sim apenas deslocamentos ou transformações sócio-político-culturais. Em alguns casos e momentos não há mudança de sentido histórico para que haja realmente uma *virada*. Conforme Santos (2009), o futebol faz parte do movimento modernizador da nação, mas é diferente de outras práticas esportivas-culturais emergentes neste período, como o remo. O futebol teve a capacidade de mobilizar múltiplas dimensões simbólicas e reais, que transformaram o cenário esportivo e, de alguma forma, a própria sociedade. Esses processos foram de longa duração, como defendem os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre (*apud* LE GOFF) da Escola dos Annalles, onde o tempo é aspecto considerável nestas análises que envolvem sentimentos e costumes. Assim, as considerações devem ser feitas com base no passado e no presente, pois “(...) a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado se nada sabemos do presente” (BLOCH, 1944 *apud* LE GOFF, 2003:227-228). Portanto, apresento fatos do passado recente que podem contribuir para as situações observadas nas últimas décadas e na contemporaneidade.

Considero também nesta análise o conceito de *virada cultural* abordada por Stuart Hall (1997) no texto *A centralidade de cultura*, onde a expressão é definida como uma mudança de paradigma nas Ciências Sociais e nas Humanidades. A *virada cultural* inicia com uma revolução de atitudes em relação a linguagem e por vezes é apresentada como uma total ruptura no universo teórico das ciências sociais. O conceito é central nos Estudos Culturais, surgindo juntamente com este campo interdisciplinar. A *virada cultural* é mais complexa do que a retomada de algumas

tendências subordinadas e negligenciadas do pensamento crítico no interior das ciências humanas e sociais. Em resumo, a *virada cultural* é uma mudança significativa nos modos de se conceber a cultura, ou seja, o que hoje se pensava transitar em uma direção toma o rumo contrário. Da concepção da cultura como repositório de práticas e artefatos passa-se a uma concepção da cultura como constitutiva destas práticas e artefatos e visões do mundo. A cultura deixa de ser o resultado, ou seja, o produto em si, para ser a produtora e gerar o próprio produto. Para exemplificar, utilizo uma passagem traduzida do texto *A centralidade da cultura*, de Stuart Hall:

Estes fatores não podem, no entanto, negar por completo a escala de transformações nas relações globais constituída pela revolução cultural e da informação. Queiramos ou não, aproveitemos ou não, as novas forças e relações postas em movimento por este processo estão tornando menos nítidos muitos dos padrões e das tradições do passado. Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma “política cultural” (1997: 5-6).

Ainda há outro conceito, que é tomado do repertório popular, relacionado ao esporte mais difundido do planeta, o futebol. *Virada* nesta modalidade significa estar na condição de perdedor e passar para a de vencedor ou vice-versa. Dar uma *virada* ou vencer de *virada* dentro das quatro linhas do gramado é um feito comemorado por atletas e torcedores. *Virada* pode também expressar a mudança de posição nos campeonatos, como estar na liderança e acabar na ‘lanterna’ ou o contrário. Para quem habita o universo futebolístico não há muito o que explicar sobre a *virada* neste esporte. *Virada* é apenas uma *virada*, ou complexamente uma *virada*! Depende da maneira e do contexto como ela é construída ou destruída. Mas até mesmo dentro do futebol o termo *virada* não é só utilizado para representar a troca repentina de vencedor ou perdedor de uma partida. A *virada* também pode ser a ‘virada de mesa’, a reação que caracteriza o jogo sujo nos bastidores, em geral, para evitar o rebaixamento de divisão de uma grande equipe do cenário nacional brasileiro. *Virada* no futebol pode também aludir aos ‘vira-casacas’, considerados

sujeitos desprezíveis pela ‘traição inafiançável’ de abandonar seu ‘time do coração’ e vestir a camiseta do arqui-rival. O termo *virada*, no futebol, ainda pode assumir outras conotações. Fora dele também existem as *viradas* na vida, com as trocas de emprego, cônjuge, partido político, religião ... Enfim há inúmeras maneiras de se aplicar a palavra e interpretar o termo *virada*.

Portanto, mesmo diante desta gama de significados, e como já destaquei, sem que haja necessariamente uma *virada cultural* – uma ruptura de paradigma – vou me valer do termo *virada* para resgatar períodos marcantes do futebol no Brasil nos campos social, político e cultural. Apresento a seguir duas viradas pontuais no futebol brasileiro – a entrada dos negros e pobres na modalidade, e a troca de poder nas negociações comerciais com a mercantilização do esporte. Entre essas duas *viradas*, para seguir uma ordem cronológica dos fatos na história do futebol no Brasil, apresentarei outras transformações, deslocamentos e rupturas significativas para a construção da *futebolização* no país.

Primeira Virada: popularização do futebol e a entrada dos negros na modalidade

Segundo historiadores e sociólogos do esporte, o futebol desembarcou no Brasil no final do século XIX com os marinheiros ingleses – que se divertiam em espaços improvisados nos poucos momentos de folga, e com os filhos da ‘elite nacional’ – que retornavam dos estudos no velho continente, onde haviam tido contato com a modalidade nos colégios britânicos, e traziam na bagagem artefatos (bola, livro de regras, e uniformes) do ‘novo jogo’. O esporte tinha os atributos necessários para atrair os interesses de todos. De acordo com apontamentos do historiador Nicolau Sevcenko:

por ser um esporte de equipe, por não requerer de seus jogadores nenhum atributo físico especial, por ser jogado em qualquer condição, por admitir o acaso e o imponderável, por ser, enfim, bastante acessível, compreensível e emocionante, o futebol se presta maravilhosamente para consolidar vínculos de identidade plenos de carga afetiva (*apud* FRANZINI, 2009: 109).

O esporte, não só o futebol, na entrada do século XX exigia uma conduta exemplar, ou seja, disciplina e boa educação. Mas, principalmente na capital da República, o Rio de Janeiro dos anos 1900, o futebol deixava de ser um mero divertimento de ingleses e de seus descendentes e ampliava seu círculo de praticantes para as camadas populares, embora ainda sem perder sua marca europeia e aristocrática. No entanto não era este o desejo da burguesia brasileira. A intenção era legitimar o esporte por aqui como algo pertencente às elites. Segundo Santos “um importante foco de tensão se deu a partir do entendimento (sic) que o futebol não deveria ser praticado por aqueles que não compartilhassem do *ethos* da modernidade” (2009:181). Franzini descreve a situação em um dos capítulos da obra *História do Esporte no Brasil*:

Não é difícil imaginar que essa expansão desordenada do futebol para além das fronteiras geográficas e sociais que separavam a elite do povo nas duas principais cidades brasileiras devia incomodar bastante aqueles que se julgavam os donos da bola. Afinal, subúrbios, várzeas e até mesmo fábricas, onde se tornava cada vez mais comum a organização de equipes entre os operários, não eram espaços dotados da elegância e do refinamento que o esporte bretão supostamente exigia, ao menos a seus olhos. Numa sociedade ainda muito marcada pelo senso de hierarquia e pelo ranço escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados. A reação a tal indesejada aproximação de camadas sociais historicamente separadas pelo profundo fosso da desigualdade não tardou, como seria de esperar (2009:121-122).

Nas primeiras décadas do século XX houve uma segregação racial no futebol com a criação de leis excludentes no esporte, que obrigaram o surgimento de ligas independentes, mas sem reconhecimento. Por exemplo, no sul do país, ocorreu a separação entre futebol ‘oficial’, a partir de 1910 representado pela Liga Porto-Alegrense de Football, e o futebol ‘popular’, que criou suas próprias organizações, como foi o caso da Liga dos Canelas Pretas, cujo nome pejorativo já expressava o perfil de seus associados (DAMO; GUAZZELLI *apud* FRANZINI, 2009). Também nas páginas dos jornais era claro o preconceito com negros e pobres. O *Sport Ilustrado*¹ de 26 de março de 1921 destacava:

É muito melhor e mais bonito apresentar-se em campo um *team* de rapazes decentes que, embora não saibam jogar, porém que (sic) tem educação esportiva e representação no

meio social, aos que se tem apresentado **mal educados**, e estúpidos no modo de jogar, (...) (**grifo meu**).

O conceito de '*mal educado*' nessa época estava diretamente relacionado ao cidadão que não havia freqüentado a escola em continente europeu, no caso os colégios britânicos ou franceses que recebiam anualmente filhos da burguesia luso-brasileira. A popularidade que o futebol conseguiu, no curto espaço de tempo de menos de cinco anos (1895-1900), agregada ao seu caráter de esporte moderno, fez com que ele se tornasse um local cultural de lutas sociais, com explícitas demonstrações de racismo. Uma das artimanhas e artifícios dos clubes de futebol para excluir os negros e pobres, era condicionar sua presença à aprovação do conselho de sócios. Não adiantaria que estes superassem todas as outras barreiras, pois já no conselho seriam reprovados por não possuírem adequados códigos de valores e cor da pele (SANTOS, 2009).

Segundo Santos,

A relação entre estes dois grupos foi desigual. Um dos grupos era formado pelos estabelecidos. Aqueles que detinham o poder econômico e, principalmente, pretendiam determinar quais seriam as práticas e valores aceitáveis para a época. O outro grupo era formado pelos *outsiders*, ou seja, as camadas populares. Desprovidos de poder econômico, e em larga escala marcados pela cor (essencialmente negra), tinham seus aspectos diacríticos e peculiares marcados pela imprensa e pelos grupos que se colocavam como modelo, criticados, subjugados e, várias vezes, perseguidos (2009: 209).

Mas esse contexto um dia mudaria. A primeira *virada* significativa do futebol brasileiro teria ocorrido na entrada da década de 1920. Primeiro, em 1919, se produzindo o grande amálgama entre o sentimento nacional e a bola, graças ao terceiro Campeonato Sul-Americano de Futebol, realizado no Rio de Janeiro, com vitória da seleção brasileira contando com a presença de diversos jogadores na equipe que pertenciam às camadas sociais mais baixas da população. Os indivíduos da chamada '*elite brasileira*', a '*gran fina sociedade*', não davam mais conta frente à necessidade de vitórias nos desafios esportivos e, com isso, necessitavam de membros de outros grupos sociais que possibilitassem a vitória nas partidas e torneios. É necessário destacar que certos traços culturais eram também trazidos para o campo esportivo, portanto, o improvisado do

cotidiano social das classes menos favorecidas se traduzia na *ginga* e habilidade que conduziam às vitórias (DAMATTA *apud* SOUZA, 1998). As equipes passaram a contar com funcionários das empresas dirigidas pelos donos dos clubes esportivos. Neste momento, passou-se a exigir, sim, como condição indispensável sem a qual não era possível conseguir emprego, a qualidade de bom jogador de futebol. Ainda assim, as tensões neste campo social – o esporte – continuavam conforme Coelho:

Dentre os ricos e abastados, defensores do amadorismo e do arianismo como modelo de selecionado nacional, essa ascensão popular de jogadores negros e mulatos de qualidade técnica inegável criava uma situação nova e contraditória. Para os que realmente queriam a expansão do esporte e o sucesso do futebol brasileiro frente a outras nações (principalmente na América do Sul), o que pesava era a qualidade do selecionado, fazendo com que a presença desses jogadores fosse necessária. Para aqueles que queriam permanecer com o futebol como símbolo de diferenciação social e hábito específico de uma elite, o fato desses jogadores negros e mulatos atuarem com cada vez maior frequência os distanciava do esporte. Nunca é demais lembrarmos que, em 1921, o próprio presidente da República, Epitácio Pessoa, se empenhou em “limpar” o selecionado brasileiro para o Campeonato Sul-Americano daquele ano (Argentina), proibindo a presença de jogadores negros (2006:240).

O ícone desta época é o time do Vasco da Gama de 1923, formado basicamente por negros e pobres e financiado pelos colonizadores portugueses em sua maioria donos de padarias na então capital federal. A equipe conquistou o título carioca, quebrando preconceitos e mudando paradigmas. Em 1916, o clube ainda habitava a terceira divisão do futebol carioca e rapidamente com a presença desses jogadores, que eram registrados como empregados de estabelecimentos portugueses e quando procurados estavam realizando ‘serviços externos ou de folga’, o Vasco ascendeu esportivamente enquanto que seus atletas ‘amadores’ ascenderam socialmente (NAPOLEÃO, 2006). Santos destaca que:

O futebol proporcionou visibilidade a um grupo de indivíduos que eram até então invisíveis. As classes populares, apesar dos limites, operaram com muita sagacidade sobre seus problemas e alcançaram resultados valiosos no cenário social a partir do futebol. Isso tudo se deu a partir de muitas tensões e, fundamentalmente por isso, este esporte se tornou tão significativo para a história do Brasil (2009:211).

Estas rupturas raciais vinham ocorrendo de forma gradativa nos anos anteriores e, tiveram sua grande virada em meados dos anos 1920, de acordo com Silva:

Ainda nos anos [19]10 os pobres – e claro, negros e mestiços – não podiam participar da vida do futebol, seja por serem sumariamente rejeitados pelos clubes, seja por não terem um estilo de vida que comportasse os hábitos e práticas dos jovens amadores da zona sul e bairros nobres do Rio de Janeiro. Entretanto, a partir das conquistas do Bangu, entre 1906 e 1910 , e do Vasco da Gama, em 1923 e 24, e de outros eventos esparsos, a pressão pela incorporação de negros e mestiços e a consequente ruptura com a regra do amadorismo tornam-se o centro político do futebol brasileiro. São esses pobres os principais elementos que fixariam esta relação inequívoca entre brasileiros e jogadores de futebol (...) (2006: 29).

Transformações e deslocamentos no cenário sócio-político-esportivo brasileiro

Apesar da ascensão e aceitação de negros e pobres no futebol a partir da década de 1920, os conflitos raciais seguiram no cenário esportivo brasileiro. Com a entrada política do país na Era Vargas, a partir de 1930, outras lutas culturais no futebol seriam travadas, gerando transformações políticas e sociais que vamos considerar aqui como deslocamentos e rupturas, e não como uma segunda *virada*, pois não houve mudanças de sentido na construção do futebol como marco cultural brasileiro e sim acréscimos no fortalecimento desta ferramenta de dominação na qual se transformou o futebol. Não podemos esquecer que o final da década de 1920 e a entrada nos anos 1930 foram marcados pela crise econômica mundial, que afetou principalmente Estados Unidos, Alemanha e França, e que gerou consequências em todas as nações. De acordo com Silva & Santos, “é sobretudo a partir da década de 1930, sob a égide e perspectiva do governo Getúlio Vargas, que o futebol assume papel relevante na política e na construção da identidade nacional” (2006:11).

Getúlio Vargas percebeu a atração e o poder que o futebol tinha sobre a população e passou a proferir boa parte de seus discursos no Estádio São Januário, do Vasco da Gama, o maior da capital federal na época, que se transformou em palco esportivo e político (AGOSTINO, 2006).

É com essa associação entre esporte e Estado que o futebol se torna peça fundamental na propaganda do governo getulista. Esportes como o atletismo, a natação e o tênis não despertavam a mesma paixão que o velho jogo inglês. Getúlio Vargas percebia o poder do futebol sobre o povo (COSTA, 2006:109).

Com isso, ele aproximava as questões políticas do futebol de sua plataforma de governo (DRUMOND, 2009). O debate que ocorria em vários países neste período era sobre a profissionalização ou não do futebol, marcada pela criação da Copa do Mundo pela FIFA – evento que reunia as principais nações em busca do troféu Jules Rimet, que chancelava o vencedor como melhor time de futebol do planeta. A má participação brasileira, ainda com uma seleção amadora e cheia de problemas administrativos, na primeira Copa do Mundo (Uruguai-1930), fez com que o governo Vargas criasse a Federação Brasileira de Futebol (FBF), que passaria a introduzir as marcas do esporte profissional. O profissionalismo foi instituído em 1933 incorporando ao mundo do trabalho, ideologia poderosa do período varguista, os novos heróis nacionais: os jogadores de futebol (SANTOS, 2006). A ideia não foi bem aceita de início pela grande maioria dos clubes, pois havia o conflito de interesses entre FBF e CBD (Confederação Brasileira de Desportos), resultando em um novo fracasso na Copa da Itália em 1934. Algo precisava ser feito, e um novo órgão foi criado: o Conselho Nacional de Esportes (CNE). O CNE representava uma intervenção federal no futebol. Também no período varguista, o rádio recebeu incentivos federais para transmitir o maior número possível de jogos de futebol em sua programação dos finais de semana. A mídia passava a contribuir para a difusão acelerada do futebol em território brasileiro, dando maior atenção aos clubes do Rio de Janeiro, então capital federal. Durante muitos anos, as torcidas dos times cariocas foram destacadas de norte a sul do Brasil graças as ondas sonoras da Rádio Nacional, que penetravam todo o território, e difundiam os valores de Flamengo, Vasco, Botafogo, Fluminense e América. De acordo com Drumond (2009), o golpe do Estado Novo (1937), mantendo Vargas no poder, se valeria também do futebol

para consolidar o novo regime. Com a presença dos melhores jogadores do país na seleção, o terceiro lugar obtido na Copa do Mundo da França em 1938 revelou o Brasil para o mundo e provavelmente começava assim a íntima relação entre futebol e identidade brasileira. As relações políticas com o futebol são destacadas por Agostino:

Enquanto a seleção comemorava, (...), no Brasil Getúlio Vargas recebia diversos telegramas de congratulações. Afinal, a vitória da seleção também era parte de seu próprio triunfo. As sementes da propaganda iam produzindo bons frutos, sendo o rádio um elemento vital (2006:72).

A partir desse período, Getúlio usou o futebol para lançar decretos lei que além de favorecer o esporte também tinham como objetivo disciplinar a nação que brevemente estaria envolvida na Segunda Guerra Mundial. Houve uma institucionalização representativa do futebol no Brasil. O selecionado tornou-se um dos trunfos da propaganda em torno do nacionalismo (AGOSTINO, 2006). O CNE passava a ter como objetivos orientar, fiscalizar e incentivar o esporte. Foi criado o sistema nacional de esportes – vigente até hoje – com confederações, federações, clubes e associações; e barreiras para a participação feminina em muitas modalidades consideradas impróprias e não adaptáveis às mulheres. Vargas imaginava o esporte, sobretudo o futebol, com o poder miraculoso de conciliação política (COSTA, 2006). Com a entrada do Brasil na II Grande Guerra, por exigência federal houve uma nacionalização dos clubes com alterações de nomes e dirigentes. As entidades não poderiam mais ter nomes como Palestra Itália ou Germânia, e descendentes italianos, alemães e japoneses estavam proibidos de participarem das diretorias dessas instituições esportivas (DRUMOND, 2009).

Circunscrito a esse momento, que caracterizo aqui como deslocamentos e transformações do futebol brasileiro na Nova República, há outro fato marcante: a construção do Maracanã para sediar a IV Copa do Mundo. Erguer o maior estádio do planeta e receber o maior evento esportivo² representava muito para o Brasil no cenário internacional do pós-guerra. Como já

destacado, Helal descreve que “a construção do Maracanã tem uma conotação simbólica importantíssima dentro da formação deste discurso de grandiosidade da nação” (2010:12). Não só do ponto de vista esportivo o Brasil crescia, pois muitos outros interesses estavam em jogo. Segundo Moura, na obra *O Rio corre para o Maracanã*:

A decisão de patrociná-lo [**o futebol**] não atendeu apenas aos interesses particulares do esporte; muitos outros elementos entraram em jogo naquele momento, como a projeção de uma imagem do Brasil, particularmente da cidade do Rio de Janeiro, e a **busca de uma identidade nacional através do futebol** (1998: 12) [**acréscimo e grifo meus**].

O Brasil perdeu a decisão daquele mundial de 1950, mas o que ficou marcado foi o poder que o futebol teve em aglutinar toda a nação em torno de um interesse único. De norte a sul do país, presentes nos estádios ou com ouvidos grudados no rádio, as pessoas estavam vinculadas à Copa do Mundo. A construção de um estádio com proporções gigantescas para a época dava aos brasileiros o *selo* de crédito e responsabilidade. Os brasileiros viviam, no país, um momento de *anos dourados*, com uma ascensão meteórica da nação no âmbito internacional. O governo JK dava seqüência a megalomania que estava instalada, e prometia progresso de cinquenta anos em cinco, com a construção de Brasília, uma cidade inteiramente projetada para ser a nova capital federal.

O futebol como instrumento da ditadura

O futebol brasileiro, mesmo tendo ‘fracassado’ na Copa do Mundo de 1950, havia superado o sentimento de inferioridade perante os demais países e logo conquistaria seus primeiros títulos mundiais em competições seguintes³. O esporte por aqui produzia figuras de reconhecimento internacional, como os jogadores Garrincha, Didi e Pelé. As multidões corriam para os estádios para ver a seleção brasileira jogar, seja em solo brasileiro ou em qualquer outro país. As platéias dos estádios tinham a garantia de um jogo bonito, de estilo diferente, quase um

‘espetáculo de arte’. Diante de uma nova mudança na conjuntura política brasileira, o futebol – diga-se aqui a seleção brasileira – seria utilizado como instrumento do regime ditatorial militar instalado em 1964 para fortalecer laços de paixão pela pátria. Quem fosse contrário a esse *discurso* deveria deixar a nação. Alguns slogans desse período são expressão disso, como “*Brasil: Ame-o ou Deixe-o*” e “*Ninguém Segura Este País*”.

Depois de duas conquistas, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) apostou em um grupo de jogadores veteranos para tentar o terceiro título consecutivo e obteve uma das piores campanhas do Brasil em Copas do Mundo, na Inglaterra em 1966, com a seleção sendo eliminada na primeira fase. Assim como ocorrera no governo Vargas, houve uma intervenção federal na entidade. Os militares passaram a exercer forte influência no futebol, tomando as principais decisões. Presidentes do país escolhidos por uma junta militar davam palpites nas convocações e escalações da seleção brasileira. O jornalista João Saldanha, então técnico do Brasil, não agüentou as pressões e deixou o cargo após a classificação da seleção nas eliminatórias para a Copa do Mundo do México de 1970. De acordo com publicações, matérias de jornais, ditos populares e declarações do próprio, o ex-jogador, bicampeão mundial, Mario Jorge Lobo Zagallo foi chamado para o cargo e concordou com muitas ordens que lhe foram dadas, como a inclusão de preparadores físicos do exército na comissão técnica. Não havia alternativa de comando. Sob a tutela de Emílio Garrastazu Médici, o Brasil foi novamente campeão mundial de futebol e conquistou em definitivo a Taça Jules Rimet⁴. A vitória teve um simbolismo especial para o regime militar, pois legitimava a ditadura imposta. Segundo alguns autores, o título teria sido o principal instrumento do sistema político implantado. O jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, no livro *Futebol ao sol e à sombra* caracteriza este momento de euforia vivido pela população brasileira:

Em pleno carnaval da vitória de 1970, o general Médici, ditador do Brasil, presenteou com dinheiro os jogadores, posou para os fotógrafos com o troféu nas mãos e até cabeceou uma bola na frente das câmeras. A marcha composta para a seleção, *Pra Frente Brasil*, transformou-se na música oficial do governo, enquanto a imagem de Pelé voando sobre a grama ilustrava, na televisão, anúncios que proclamavam: Ninguém segura o Brasil. (1995: 158).

Os festejos e as consequências da vitória no México para o futebol e a política no Brasil também são destacados por Branco:

Dois dias de celebração nacional (com festejos carnavalescos) marcaram o campeonato como uma afirmação das aspirações brasileiras à grandeza e também como consagração e vitória do regime militar. O futebol passou a representar um dos pilares centrais de sustentação ideológica para o regime militar (2006: 214).

Novas mudanças na política do futebol nacional se anunciavam. Se diante da falta de estrutura e da desorganização que imperava, o Brasil já havia chegado a três títulos mundiais em poucos mais de 12 anos, imaginem o que poderia acontecer com tudo isso caminhando de uma forma ordenada. A CBD se transformou em CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e passaria a cuidar apenas dos interesses da modalidade mais popular no país. Foi criado o Campeonato Brasileiro de Futebol, a partir de 1971, com a participação dos principais clubes de norte a sul do Brasil. A cada ano, a competição recebia um maior número de participantes, ocasionando um ‘inchaço’ no torneio, e novos estádios eram construídos com verbas públicas, evidência de que o esporte estava extremamente vinculado à política, que neste momento apresentava um cenário bipolar no Brasil: Arena (militares) X MDB (democratas). Uma frase se tornou comum nas rodas populares: “*Onde a Arena vai mal, mais um time no Nacional*”, fazendo referência clara da utilização do futebol como instrumento político. Segundo alguns, o espetáculo *circense*, que com apoio da mídia – principalmente radiofônica e televisiva – causava a alienação do povo, estava armado (KLEIN; AUDININO, 1996). As Copas do Mundo passaram a parar o país nos dias de jogos da seleção brasileira. Segundo Helal:

Independentemente da manipulação política exercida pelos governos ditatoriais, no âmbito cultural, a vitória no Mundial de 1970 consolidou o futebol como elemento de

identificação cultural fortalecendo o sentido de pertencimento à nação durante as Copas do Mundo entre os brasileiros (2010:14).

Com o passar dos anos, não só o novo modelo de gestão do futebol foi enfraquecendo diante dos resultados negativos da seleção nacional e de clubes brasileiros em competições internacionais, como também o regime ditatorial militar, que começou a ser contestado por seu excessivo e crescente autoritarismo marcado por censura e opressão. De acordo com Foer, “ao final da ditadura militar, em 1985, o Brasil constituía um dos piores exemplos do mundo em matéria de desigualdade de renda” (2005:113). A sociedade começava a clamar por mudanças no âmbito esportivo e sócio-político da nação.

Segunda Virada: globalização e mercantilização do futebol brasileiro

Se no campo político do Brasil houve o movimento de *Diretas Já!* por reformas no regime de governo, contribuindo para livrar o país da ditadura militar em 1985, não tardaria muito para que no futebol brasileiro ocorresse algo semelhante. Em 1987, os clubes de futebol de maiores torcidas no Brasil fundaram o Clube dos Treze⁵ e criaram a Copa União, desafiando o poder da CBF sobre o esporte, através de uma competição em que os próprios clubes negociavam os direitos de transmissão com as redes de televisão (AREIAS, 2007). Essa condição no mundo contemporâneo é exposta e discutida por Mello, ao argumentar que “muitos eventos esportivos não existiriam se não fossem (sic) como eventos midiáticos” (2006:9) e que “um esporte passa a ter mais peso conforme seu sucesso econômico e televisual” (Id, 10). A ruptura institucional representou uma revolução no marketing esportivo brasileiro. Os clubes passaram a contar com verbas e visibilidade nunca antes vistos. O futebol brasileiro transformou-se em produto de exportação. Não só as imagens da Copa União eram negociadas para o exterior⁶, mas também os jogadores se tornaram alvo de interesse de clubes estrangeiros (AREIAS, 2007). Isso não chegava

a ser uma novidade em nível internacional, mas para o cenário brasileiro era algo completamente novo.

O futebol está associado historicamente com a construção de uma identidade nacional através do êxito internacional da seleção nacional do país e a exportação de grandes jogadores para a Europa desde 1920 (ARCHETTI, 1999 *apud* DÁVILA; LONDOÑO, 2003). O que mudou foi o número e a velocidade com que as negociações passaram a acontecer. O fenômeno se dava em escala mundial, como podemos constatar no trabalho de Foer:

Não se tratava apenas da maneira como a Internet e os satélites haviam tornado o mundo do futebol tão menor e tão mais acessível. Era possível ver a globalização em ação: nos anos 1990, times bascos, orientados por técnicos galeses, abasteciam-se de jogadores da Holanda e da Turquia; equipes da Moldávia importavam nigerianos. Subitamente parecia que, para onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata de lixo da história. Os melhores clubes agora competiam entre si quase semanalmente em torneios como a Liga dos Campeões Europeus ou a Copa Libertadores da América (2005: 8).

Guedes caracteriza este momento, nos anos finais da década de 1980 e iniciais de 1990, como a mercantilização do futebol:

A espetacularização das práticas consideradas como de “alto rendimento” associou-se à difusão de um *habitus* esportivo, transformando milhões de pessoas em consumidores, ativos ou passivos, de produtos esportivos. Sem dúvida, estas grandes mudanças no campo esportivo são desdobramentos do crescimento do mercado transnacional, facilitado por eventos políticos que alteraram, de modo decisivo, as relações mundiais neste período. (...) embora a mercantilização seja coetânea do surgimento das práticas esportivas, a amplificação sem precedentes do mercado em torno do futebol levou à enorme valorização de sua mercadoria mais preciosa: o jogador habilidoso (2009:468-469).

Esta nova *virada* representou benefícios, mas também trouxe novas polêmicas administrativas para o futebol no Brasil. Tínhamos e ainda temos uma boa “indústria” de “*pés de obra*”, mas não vencíamos uma competição de reconhecimento internacional há muito tempo. O novo momento necessitava de uma grande conquista no campo de jogo para consolidar o projeto. Esta veio na Copa América de 1989, que não era vencida pela seleção brasileira há quarenta anos. Poucos anos depois, em 1994, o Brasil voltava a conquistar uma Copa do Mundo e, nas

competições seguintes esteve na final, obtendo mais um título⁷. O futebol brasileiro passa por um novo deslocamento. Os principais jogadores estão fora do país e até mesmo quando convocados para a seleção brasileira recebem a alcunha da mídia de ‘estrangeiros’ ou ‘europeus’. Com a constante troca de times pelos jogadores de futebol, provocada pela mercantilização do esporte, os jovens torcedores têm dificuldade de criar vínculo com os clubes e passam a ser seguidores dos atletas, mesmo que estes estejam em equipes de outras nações. São torcedores da celebridade – que vende tênis, games, perfumes e automóveis com valor agregado a sua imagem – e não da agremiação (GUEDES, 2009).

Vejamos como Bauman () discute essas questões na obra *Vida para consumo*. Ao analisar a transformação das pessoas em mercadorias, o autor destaca que elas:

(...) são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma *mercadoria* atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são *elas mesmas* (2008:13).

Quanto ao vínculo, Bauman considera que:

O empregado ideal seria uma pessoa sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais anteriores, e que evite estabelecê-los agora; uma pessoa pronta a assumir qualquer tarefa que lhe apareça e preparada para se reajustar e refocalizar de imediato suas próprias inclinações, abraçando novas prioridades e abandonando as adquiridas anteriormente (...) (2008:17-18).

As características descritas acima são exatamente o que se espera do jogador de futebol da atualidade. O novo momento é marcado pelo individualismo, pela invenção de ícones e mitos e pelo culto à personalidade. Há um circuito mercantil em torno de cada um deles. Bom exemplo disso que destaquei na afirmação anterior, são os centros sociais patrocinados por diversos jogadores de futebol. No Brasil existem mais de vinte e cinco projetos espalhados pelo território nacional, onde são vistas paredes inteiras com imagens gigantescas dos ídolos. Entre os diversos jogadores brasileiros que se tornaram celebridades neste novo cenário, o ícone eleito pela maioria é Ronaldo Nazário. Ele era o mais jovem do grupo de atletas que voltou a trazer a alegria para o

povo brasileiro após vinte e quatro anos sem a conquista da Copa do Mundo, quando nos Estados Unidos o Brasil voltou a vencer. Foi protagonista do momento mais crítico para a seleção em 1998 com sua convulsão momentos antes da decisão em Saint-Dennis. E também ressurgiu das cinzas na Copa Coréia/Japão sendo artilheiro de um time que venceu todos os jogos naquele mundial. Além disso, Ronaldo atingiu o recorde de maior número de gols em Copas do Mundo e é um dos poucos atletas do planeta a ter um contrato vitalício com a Nike, uma das maiores empresas de artigos esportivos do mundo. De garoto humilde do subúrbio carioca ele se transformou em ídolo mundial, empresário bem sucedido e dono de um império financeiro mesmo depois de ter se aposentado dos campos. É considerado um modelo a ser seguido pelas crianças e jovens que sonham com a carreira de jogador de futebol (CALDEIRA, 2002). Ronaldo, por atrair interesses diversos, sempre representou notícia para a mídia esportiva e, segundo Lovisolo, é “muito difícil imaginar o atual esporte competitivo sem nenhum vínculo com o espetáculo esportivo e, tradicionalmente, com o jornalismo esportivo no rádio e na imprensa” (2003:241). Muitos seguiram e seguem o seu caminho, e ao mesmo tempo em que fortaleceram os cofres de seus clubes formadores, deixam um vazio no sentimento dos torcedores até que um novo expoente surja. De acordo com Guedes este sentimento também permeia os sonhos de crianças e jovens:

É claro que a ascensão econômica por meio do futebol, tanto no Brasil quanto em outros países, não é novidade, e os raros casos em que acontece alimentem, há muitas e muitas décadas, os projetos de vida de milhares de crianças e jovens, impelindo-os a investir na busca de inserção profissional no futebol (2009: 471-472).

Esta ilusão da infância e da juventude de chegar facilmente ao estrelato também é observada por Costa (2009), em duas passagens do livro *A educação na cultura da mídia e do consumo*.

Desde os meninos pobres que sonham tornar-se *ronaldinhos* com a bola nos pés, passando por milhares de garotinhas ricas ou pobres que têm as top models de hoje como modelos a serem seguidos, até o grande contingente de jovens que, com uma guitarra ou um

microfone, imaginam-se mega stars levando imensas plateias ao delírio, todos se alimentam da ilusão de potência que fama e dinheiro propiciam (*Sucesso, poder e dinheiro: a ilusão da potência*, p. 24).

Não é difícil, assim, entender por que as crianças e jovens de hoje (ou, pelo menos, boa parte delas) ambicionam ser “famosos”, que significa ser notado, comentado, desejado. Quer dizer, algo para ser consumido, mais uma *commodity* da sociedade de consumidores (*Educar-se na sociedade de consumidores*, p. 37).

A globalização do futebol brasileiro criou novas comunidades em torno do esporte. No momento atual, devido à presença de jogadores da seleção brasileira em times com os quais existe certa identificação, há no Brasil jovens torcedores de clubes europeus, como Barcelona, Real Madrid, Milan, Internazionale e outros. De acordo com Fiengo:

(...) os processos de globalização cultural em curso não podem deixar de mencionar o futebol como um de seus cenários privilegiados. As partidas de futebol na era pós-moderna seriam fenômenos exclusivamente televisivos, ou seja, eventos reais que somente podem ser experimentados por meio das telas (2003:257).

Considerações Finais

Neste artigo foi possível vislumbrar transformações, deslocamentos e rupturas no futebol brasileiro do ponto de vista dos Estudos Culturais, sendo que algumas podemos caracterizar como verdadeiras *viradas*, devido à quebra de paradigmas e a mudança repentina de sentido. Salientamos que este é um processo de longa duração envolvendo aspectos sentimentais e de costumes nas relações do homem com a sociedade, num período de tempo. Não podemos precisar quantas outras *viradas* ainda ocorrerão neste espaço cultural, apesar de acreditarmos em constantes transformações nos próximos anos que seguirão reforçando esta ferramenta de dominação social na qual se constituiu o futebol no Brasil. Houve e parece que sempre haverá lutas de poder neste campo cultural e marco identitário brasileiro. No momento, por exemplo, estamos presenciando uma nova *virada* em curso, pelos efeitos que estão e que serão causados com os preparativos e a realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil.

Referências Bibliográficas

AGOSTINO, Gilberto. Nós e *Ellos, Nosotros* y Eles – Brasil X Argentina: os inimigos fraternos. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

AREIAS, João Henrique. Copa União: pela primeira vez, o futebol brasileiro na vanguarda. In: AREIAS, João Henrique. *Uma Bela Jogada: 20 anos de marketing esportivo*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRANCO, Celso. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

CALDEIRA, Jorge. *Ronaldo: glória e drama no futebol globalizado*. Rio de Janeiro: Lance!, 2002.

COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COSTA, Mauricio da Silva Drumond. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

DÁVILA, Andrés; LONDOÑO, Catalina. La nación bajo um uniforme. Fútbol e identidad nacional en Colombia 1985-2000. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologias: Fútbol, Identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

DRUMOND, Mauricio. O esporte como política de Estado: Vargas. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FIENGO, Sergio Villena. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologias: Fútbol, Identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito do original *El Fútbol a sol y sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, Kenneth (org.). *Media and Cultural Regulation*. England, 1997. Tradução publicada em *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.22, nº 2, p.15-46, jul/dez 1997, com a autorização do autor.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; SILVA, Carmelo. Pra Frente Brasil ! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. *Esporte e Sociedade*. Ano 5, n.13, nov2009/fev2010.

KLEIN, Marco Aurélio; AUDININO, Sergio Alfredo. O futebol é verde e amarelo. In: KLEIN, Marco Aurélio; AUDININO, Sergio Alfredo. *O Almanaque do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Editora Escala, 1996.

LE GOFF, Jacques. Passado/Presente. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LOVISOLO, Hugo. Tédio e espetáculo esportivo. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologias: Fútbol, Identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

MELLO, Vanessa Scalei de. Jogos Olímpicos de 2004: as narrativas televisivas e a valorização da identidade brasileira. *UNIrevista*. Vol 1, nº 3, julho de 2006.

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Tensões na consolidação do futebol nacional. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol: uma paixão coletiva. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

SOUZA, Jair de (org.). *Futebol-Arte – A cultura e o jeito brasileiro de jogar*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

Informações do autor:

Rodrigo Koch

Professor auxiliar da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Graduado em Educação Física pela ULBRA, pós-graduado em Administração e Marketing Esportivo pela UGF, e mestrando em Educação pela ULBRA. Coordenador da linha de pesquisa *Estudos Olímpicos em Práticas Corporais e Meio Ambiente*.

Principais publicações

KOCH, Rodrigo. **Universidade 1963: história e resultados dos Jogos Mundiais Universitários de Porto Alegre**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

KOCH, Rodrigo. **Tie-break: a saga dourada do vôlei masculino do Brasil**. Porto Alegre: Editora Doravante, 2005.

KOCH, Rodrigo. **A vitória vem dos céus: a trajetória do brasileiro campeão mundial de judô**. Porto Alegre: Editora Doravante, 2007.

KOCH, Rodrigo. **Celeste Olímpica: a era de ouro da seleção uruguaia**. Canoas: Editora da Ulbra, 2012 (no prelo).

Notas

¹ Principal jornal esportivo do Brasil nas décadas de 1910 e 1920.

² Os Jogos Olímpicos ainda não haviam atingido o status de grande evento esportivo que detém no momento atual.

³ Campeonato e bicampeonato Mundial nas Copas do Mundo da Suécia (1958) e Chile (1962).

⁴ De acordo com o regulamento da FIFA, o país que conquistasse pela terceira vez a Copa do Mundo, poderia ficar de posse definitiva do troféu.

⁵ Participaram da fundação da nova entidade: Flamengo, Corinthians, Vasco, Fluminense, Botafogo, São Paulo, Palmeiras, Santos, Internacional, Grêmio, Atlético-MG, Cruzeiro e Bahia.

⁶ Os principais mercados eram e continuam sendo Europa e Ásia.

⁷ Vice-campeã em 1998, perdendo para a França; campeã em 2002 vencendo a Alemanha.